CESSAR NÃO É VADIAR: O DIREITO DE PARAR ANTES QUE A AGENDA NOS DESCONSTRUA

Uma reflexão agrosófica sobre o ócio, o pousio e a alegria de viver

Ainor Francisco Lotério
Engenheiro agrônomo, filósofo e palestrante

INTRODUÇÃO

Existe uma confissão que muita gente faz em voz baixa, quase envergonhada: eu não consigo parar. Quem a pronuncia raramente está falando de escassez de tempo. Está falando de outra coisa, mais funda e mais silenciosa, que é o medo de descobrir quem se é quando a agenda se cala. Parar, para o homem e para a mulher do nosso tempo, deixou de ser repouso e passou a ser risco. Risco de perder a relevância, risco de ser ultrapassado, risco de ouvir de si mesmo o veredito mais duro que essa cultura conhece: você virou um vagabundo.

O presente artigo sustenta a tese de que cessar não é o oposto de construir, mas uma das suas condições. Quem nunca cessa não constrói mais, apenas se consome, e ao fim entrega uma obra concluída sobre um construtor demolido. Sustenta ainda que a culpa sentida por quem para não brota da natureza humana, e sim de uma moral historicamente fabricada, que confundiu o valor da pessoa com a sua utilidade mensurável.

Quanto ao percurso metodológico, trata-se de estudo de natureza qualitativa, desenvolvido por meio de revisão bibliográfica e de análise interpretativa de fontes filosóficas clássicas, da tradição bíblica, da sociologia contemporânea e da experiência acumulada do autor na extensão rural, na docência e na atividade de palestrante, experiência essa registrada nas postagens dos portais www.ainor.com.br e www.loterio.com.br. Não se busca aqui a demonstração de dados, e sim a fundamentação conceitual de uma necessidade humana que a pressa contemporânea tornou suspeita.

A CULPA DE PARAR E O VEREDITO DA PRODUTIVIDADE

A palavra vagabundo carrega hoje uma carga moral quase penal. Ela não descreve apenas quem nada faz, ela condena quem ousa não render. Essa associação não é natural nem eterna. Weber (2004) demonstrou como determinada ética religiosa, ao transformar o trabalho em sinal de eleição e a ociosidade em suspeita de danação, forneceu ao capitalismo nascente uma base moral de extraordinária eficácia. O que começou como espiritualidade da diligência terminou como obrigação de desempenho permanente, já sem qualquer referência transcendente que a limitasse.

O resultado é conhecido de todos nós. A pessoa mede o próprio valor pelo tamanho da agenda, pela quantidade de compromissos assumidos e pela impossibilidade de atendê-los. A agenda cheia virou atestado de importância, e a agenda vazia, sentença de irrelevância. Séneca já havia percebido o engano ao escrever que não recebemos uma vida breve, mas a tornamos

breve, esbanjando-a em ocupações que não escolhemos verdadeiramente (SÉNECA, 2006). O tempo não nos falta, nós o entregamos.

DA SCHOLÉ GREGA AO NEC OTIUM LATINO: A INVERSÃO DOS FINS

Os gregos pensavam o contrário do que pensamos. Para Aristóteles (2009), o trabalho existia em função do tempo livre, e não o tempo livre em função do trabalho. Esse tempo livre chamava-se scholé, e não significava vadiagem, mas disponibilidade para conhecer, contemplar, conviver e cultivar a amizade. Da scholé nasceu a palavra escola, o que revela algo decisivo: o lugar onde a humanidade aprende foi batizado com o nome do seu tempo desocupado.

O latim confirma a mesma hierarquia pelo avesso. O ócio era otium, e a atividade que o interrompia chamava-se nec otium, negação do ócio, de onde procede a palavra negócio. Vale notar a inversão que a modernidade operou. Aquilo que a Antiguidade definia como ausência do essencial, nós o promovemos a essência, e aquilo que era o fim da vida humana foi rebaixado à condição de culpa. Vivemos, portanto, dentro de uma linguagem que ainda guarda a verdade que a nossa prática abandonou.

Pieper (2009) recolocou a questão em termos rigorosos ao afirmar que o ócio autêntico não é a pausa destinada a recuperar forças para render mais depois, pois isso seria apenas manutenção da engrenagem. O ócio é uma atitude contemplativa, um consentimento silencioso em existir sem precisar justificar-se pela utilidade. Por isso, adverte o autor, o ócio é a base da cultura, e não o seu luxo dispensável.

O SÁBADO E O POUSIO: A TERRA COMO MESTRA

A tradição bíblica não trata o cessar como fraqueza, e sim como ato divino. O relato da criação afirma que Deus, tendo concluído a sua obra, descansou no sétimo dia de todo o trabalho que fizera (Gn 2,2). O verbo do repouso é atribuído primeiro ao Criador e só depois recomendado à criatura. Heschel (2005) observa que o shabat não é um intervalo destinado a restaurar o vigor para os dias de labuta, mas o ponto culminante para o qual os demais dias apontam, uma arquitetura do tempo erguida contra a tirania das coisas.

O mandamento, contudo, ultrapassa a pessoa e alcança o solo. A legislação levítica determina que também a terra guarde o seu repouso, um sábado em honra do Senhor (Lv 25,4). Aqui a sabedoria bíblica e a ciência agronômica se encontram de modo admirável. O pousio nunca foi abandono da lavoura, foi condição da fertilidade. Solo que produz sem descanso não se torna mais generoso, torna-se exaurido, compactado, erodido, incapaz de responder ao que dele se cobra. Quem trabalhou na extensão rural aprendeu isso vendo, e não apenas lendo.

É essa a analogia central da Agrosofia. O que vale para a terra vale para quem a cultiva. Agenda sem pousio não gera colheita, gera erosão humana. E há uma diferença cruel entre as duas erosões, pois a do solo se recupera com manejo e paciência, enquanto a da pessoa costuma cobrar o preço na saúde, nos vínculos familiares e no sentido da própria existência. Jesus, aliás, formulou o mesmo cuidado em forma de convite aos que trabalhavam sem trégua,

dizendo que fossem sozinhos a um lugar deserto para descansar um pouco (Mc 6,31).

O SUJEITO QUE SE EXPLORA E SE JULGA LIVRE

A configuração contemporânea do problema é ainda mais sutil. Han (2015) descreve a passagem da sociedade disciplinar, marcada pela proibição e pelo vigilante externo, para a sociedade do desempenho, em que cada um se converte em empresário de si mesmo. Não há mais capataz, porque o explorador e o explorado passaram a habitar a mesma pessoa. Daí a violência particular do esgotamento atual, que não se apresenta como opressão sofrida, mas como fracasso pessoal.

Essa é exatamente a experiência descrita por quem diz não conseguir parar. Ninguém o obriga, ele mesmo se obriga, e por isso não encontra a quem reclamar. A agenda que o desgasta foi assinada por ele, compromisso a compromisso, cada um deles razoável quando visto isoladamente, todos juntos insustentáveis. O desgaste chega devagar, sem alarde, e quando se manifesta já corroeu a alegria antes de corroer a saúde.

Contra isso proponho o que venho chamando de Sétima Direção. Além das seis direções externas para as quais o ser humano pode olhar, existe uma sétima, o olhar para dentro. Ela não se abre em meio ao ruído. Exige interrupção deliberada, silêncio e coragem, porque quem olha para dentro encontra também o que preferiria não ver. Cessar é a porta de entrada da Sétima Direção, e é por isso que tanta gente mantém a agenda cheia, para não precisar atravessá-la.

O GIRAMUNDO E O DIREITO DE SER FELIZ

A cultura popular brasileira guardou essa intuição numa canção. Em 1969, Os Incríveis gravaram O Vagabundo, versão de George Freedman para Giramondo, canção italiana de 1967 interpretada por Nicola Di Bari (OS INCRÍVEIS, 1969). O personagem da música não é o preguiçoso da moral produtivista. Ele é o giramundo, aquele que percorre a vida procurando alguém que enxergue o mundo como ele enxerga, e que reivindica, sem pedir licença a ninguém, o direito de também ser feliz.

A canção diz o essencial em linguagem simples. Ser chamado de vagabundo não anula a dignidade de quem busca, porque a busca também é caminho, e a felicidade não é prêmio de produtividade, é direito de existência. A força poética está justamente na assunção serena do apelido. Quem aceita o nome que lhe atiram desarma o julgamento e recupera a liberdade de escolher o próprio ritmo.

O Eclesiastes já perguntava que proveito tem o homem de todo o trabalho que empreende debaixo do sol (Ecl 1,3), pergunta que sigo repetindo há décadas nas mensagens da Alegria de Viver, no rádio e nas palestras (LOTÉRIO, 2024). Não se trata de desprezar o trabalho, que dignifica e sustenta, mas de recusar-lhe o poder de definir sozinho o valor de uma vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo ser humano precisa aprender a cessar. Cessar a agenda que o desgasta e o desconstrói, enquanto ainda há tempo de viver e de aproveitar o que lhe resta de construção. Essa frase, que originou o presente artigo, não é convite à acomodação. É convite à lucidez, e a lucidez costuma chegar tarde demais para quem confundiu movimento com sentido.

A fundamentação percorrida autoriza uma conclusão firme. Cessar não é vadiar. É reconhecer, com Aristóteles, que o trabalho serve à vida e não a substitui. É admitir, com a tradição bíblica, que o descanso é anterior ao mérito e que até a terra tem direito ao seu sábado. É perceber, com Pieper e com Han, que a recusa do repouso não produz mais cultura, produz esgotamento disfarçado de virtude. E é assumir, com o giramundo da canção, que a felicidade não precisa de comprovante de produtividade.

Aos que já entregaram décadas ao trabalho e sentem culpa ao parar, deixo a observação que a longevidade ensina. O tempo que resta não é sobra, é a parte mais qualificada da existência, aquela em que a experiência finalmente pode ser vivida em vez de apenas produzida (LOTÉRIO, 2015). Quem cessa a tempo não se torna vagabundo. Torna-se, enfim, senhor daquilo que ainda tem para construir.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de António de Castro Caeiro. São Paulo: Atlas, 2009.

BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

HESCHEL, Abraham Joshua. *The Sabbath*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2005.

LOTÉRIO, Ainor Francisco. *Alegria de viver*. Camboriú: www.loterio.com.br. Disponível em: https://loterio.com.br/categoria/alegria-de-viver/.

LOTÉRIO, Ainor Francisco. *Mensagens em áudio*. Camboriú: www.ainor.com.br, 2024. Disponível em: https://ainor.com.br/mensagens-em-audio/.

LOTÉRIO, Ainor Francisco. *Terceira idade, vida após a aposentadoria: a longevidade humana, ciência e sabedoria*. Camboriú: www.loterio.com.br, 2015. Disponível em: https://loterio.com.br/terceira-idade-vida-apos-a-aposentadoria-a-longevidade-humana-ciencia-e-sabedoria/.

LOTÉRIO, Ainor Francisco. *Blog do Ainor*. Camboriú: www.ainor.com.br. Disponível em: https://ainor.com.br/categoria/blog/.

OS INCRÍVEIS. *O vagabundo* (Giramondo). Versão de George Freedman para a canção de Gianfranco Reverberi, Sergio Bardotti, Rosario Leva e Michele Scommegna. São Paulo: RCA Victor, 1969. 1 disco compacto simples.

PIEPER, Josef. *Leisure: the basis of culture*. Tradução de Gerald Malsbary. San Francisco: Ignatius Press, 2009.

SÉNECA, Lúcio Aneu. *Sobre a brevidade da vida*. Tradução de Lúcia Sá Rebello e Ellen Itanajara Neves Vranas. Porto Alegre: L&PM, 2006.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOBRE O AUTOR

Ainor Francisco Lotério é engenheiro agrônomo, filósofo, mestre em gestão de políticas públicas e palestrante profissional. Filho de agricultores, nascido na comunidade rural de Campestre, em Vidal Ramos, Santa Catarina, construiu uma trajetória de quatro décadas na extensão rural, na administração pública, na consultoria a cooperativas, na docência e na comunicação, apresentando a mensagem Alegria de Viver no rádio desde 1989. Criador da Agrosofia, filosofia que integra agronomia e pensamento filosófico, é autor de obras sobre educação familiar, cooperativismo e espiritualidade, e formulador dos conceitos de Motivação Racional, Inteligência Orientada, Ciclomotivação, Pedagogia da Ausência e Sétima Direção. Mantém os portais www.ainor.com.br e www.loterio.com.br.

CONTATOS PARA PALESTRAS, CURSOS E EVENTOS

ainorfloterio@gmail.com

WhatsApp (47) 99967-5010

www.ainor.com.br | www.loterio.com.br